

A FORMAÇÃO INICIAL DE ENGENHEIRAS E A VIOLÊNCIA SIMBÓLICA: Narrativas de Estudantes-Mulheres dos Cursos de Engenharias do IFSC - Campus Florianópolis

Ana Carolina Staub de Melo¹
Nataly do Monte C. Floriano²
Thaís Boufleur³

RESUMO

Até o início do século XX, a ciência era culturalmente definida como uma carreira imprópria para as mulheres. Embora repleta de barreiras, a história da mulher na ciência teve grande relevância para a construção do conhecimento, ganhando timidamente espaço no campo científico. Apesar da possibilidade de acesso cada vez maior das mulheres na Educação, a conquista da igualdade de gênero ainda é repleta de obstáculos e desafios. A dominação masculina, evidente no campo da ciência e tecnologia e de forma naturalizada na sociedade de maneira geral precisa ser constantemente problematizada e criticada. Para explorar esse tema mergulhamos no referencial teórico do contemporâneo Pierre Bourdieu (1930-2002), que definiu a cultura masculina incrustada socialmente como “dominação masculina” e “violência simbólica”, que resulta em uma relação de dominância masculina e submissão feminina, impulsionada por tendências mantidas na estrutura social, tanto no relacionamento individual quanto no social. Para contribuir com o debate do tema, a presente pesquisa explorou as narrativas de estudantes dos cursos de Engenharias Civil, Elétrica, Eletrônica e Mecatrônica do IFSC (Instituto Federal de Santa Catarina), campus Florianópolis, a partir de um questionário online que buscou entender a presença ou ausência da “dominação masculina” e/ou “violência simbólica” nesse contexto de formação científica e tecnológica.

Palavras chaves: *mulheres, dominação masculina, violência simbólica.*

ABSTRACT

Until the beginning of the 20th century, science was culturally defined as an improper career for women. Although full of barriers, the history of women in science had great relevance for the construction of knowledge, gaining space in the scientific field. Despite the possibility of increasing access for women in Education, the achievement of gender equality is still fraught with obstacles and challenges. Male domination, evident in the field of science and technology and in a naturalized way in society in general, needs to be constantly questioned and criticized. To explore this theme, we dive into the theoretical framework of the contemporary Pierre Bourdieu (1930-2002), who defined socially inlaid male culture as “male domination” and “symbolic violence”, which results in a relationship of male dominance and female submission, driven by trends maintained in the social structure, both in individual and social relationships. To contribute to the debate on the topic, this research explored the narratives of students from the Civil, Electrical, Electronic and Mechatronics Engineering courses at IFSC (Federal Institute of Santa Catarina), Florianópolis campus, from an online questionnaire that sought to understand the presence or absence of “male domination” and / or “symbolic violence” in this context of scientific and technological training.

Keywords: *women, male domination, symbolic violence.*

¹ Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina IFSC. Doutorado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestrado em Educação Científica e Tecnológica pela Universidade Federal de Santa Catarina (2005). Graduada em Licenciatura em Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (2002).

² Bacharelado em Administração na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2012).

³ Licenciatura em Pedagogia SEI-FAI Faculdade de Itapiranga (2016). Pós graduanda em Educação Especial e Inclusiva FAEL - Florianópolis (2020).

INTRODUÇÃO

A participação feminina na sociedade e na ciência conta com uma presença e crescimento significativo no decorrer da história, porém, ainda se evidencia que essa participação vem ocorrendo em proporções desiguais diante da participação masculina. Considerando o contexto social da mulher diante da perspectiva de gênero, seus desafios e conquistas, cabe ressaltar um breve histórico sobre a participação e conquistas das mulheres na ciência, do mesmo modo que explorar como referência para reflexões a obra “A dominação masculina (2002)” do autor sociólogo e pensador francês Pierre Bourdieu (1930-2002), o qual conceitua “violência simbólica” e “dominação masculina” como estrutura simbólica da suposta superioridade masculina, retratando o quanto a dominação masculina sobre as mulheres está vinculada no modo de pensar, comportar, falar, sentir, dentre outros aspectos que acabamos por reproduzir (in) conscientemente, enraizadas de tal forma que acabam se tornando parâmetro de pensamento.

O presente artigo conta com uma abordagem metodológica de pesquisa qualitativa, a fim de identificar aspectos da realidade, levando em consideração a compreensão dos aspectos sociais envolvidos. Dessa forma buscamos problematizar, através de uma pesquisa qualitativa, com questões estruturadas, a participação feminina na Educação Profissional e Tecnológica (EPT) de alunas graduandas dos cursos de Engenharia Civil, Elétrica, Eletrônica e Mecatrônica, oferecidos pelo Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) – Câmpus Florianópolis, a fim de evidenciar possíveis diferenças de gênero identificados pelas estudantes em sua formação acadêmica.

A partir das contribuições descritas por estudantes buscaremos descrever a realidade sobre a participação das mulheres no contexto de formação científico e tecnológico, observando os reflexos históricos e as possíveis diferenças de gênero presentes.

AS MULHERES NA CIÊNCIA: DESAFIOS E CONQUISTAS

Definir o que é ciência não é tão simples quanto possa parecer. De acordo com Chalmers (1993), a concepção popular de ciência tem como característica marcante a neutralidade e a objetividade. Contudo essa visão

distorcida é criticada pela moderna Filosofia da Ciência que exemplifica historicamente a ciência como uma atividade humana, sujeita a erros, falhas, idas e vindas, num percurso muito mais sinuoso do que linear. Conforme Ribeiro e Silva (2018), a ciência, assim como o gênero, são construções sociais e históricas, e que refletem a cultura masculina dominante naturalizada: “Até o início do século XX, a ciência era culturalmente definida como uma carreira imprópria para as mulheres. Entretanto, muitas mulheres, “traindo a própria natureza”, participaram da produção do conhecimento científico.” (RIBEIRO e SILVA, 2012, p.1).

A história da mulher na ciência teve grande relevância para a construção do conhecimento. Embora repleta de barreiras, visto que em toda sua trajetória apresentou grande desigualdade em relação ao gênero masculino, fora considerada no começo do século passado, como uma carreira imprópria para a natureza feminina. Pode-se afirmar que existe uma predominância masculina que permanece até os dias de hoje.

Nas sociedades industriais do Ocidente, a demarcação cultural dos papéis masculinos e femininos atua como um eixo ordenador das relações sociais, de tal forma que os atributos masculinos estão simbolicamente relacionados à ideia de superioridade, enquanto que os atributos femininos remetem à inferioridade (MELO, LASTRES e MARQUES, 2004, p.02).

Essa dominância masculina, não apenas na área da Ciência, mas em toda dimensão da sociedade, ocorre desde a existência do homem e da mulher e é por isso que se nota a importância de uma análise da história em diferentes épocas, a fim de se compreender os fatores contribuintes para tal questão e ressaltar as relevâncias obtidas pelas mulheres, no intuito de transformar a posição de inferioridade e exclusão sofrida por elas. Há a necessidade de se evidenciar as mulheres principalmente hierarquicamente diante das Instituições, como o Estado, a Igreja, a Família e a Escola, por exemplo, já que possuem tamanha significância no desenvolvimento das pessoas. A Família está na origem da exaltação da divisão sexual do trabalho; a Igreja, repleta de valores patriarcais, contribui principalmente no passado, com a inferioridade das mulheres, através da utilização dos textos sagrados; a Escola, também enfatizando os valores patriarcais, não abandonou os modelos arcaicos (enaltecendo a figura masculina como elemento ativo e a mulher, passivo); e o Estado, representando um patriarcado público, salienta o homem com uma posição protetora e voltada a gerir, enquanto que a mulher, com uma posição

mais social, voltada a cuidar de seus serviços, como por exemplo os domésticos. A diferenciação de gêneros está muito presente nas questões econômicas, identificando-se inclusive nos meios de produção, com a divisão sexual de tarefas e se estende à cultura. Ou seja, uma sociedade basicamente androcêntrica, a qual internaliza um favorecimento ao trabalho masculino (BOURDIEU, 2002).

Segundo Bourdieu (2002), o reconhecimento desse contexto atrelado à maior instrução, ao engajamento econômico e às alterações nas estruturas familiares, possibilitam o rompimento dos paradigmas, impostos desde sempre. Certamente a escola é primordial para isso, posto que

O aumento do acesso das jovens ao ensino secundário e superior que, estando relacionado com as transformações das estruturas produtivas (sobretudo o desenvolvimento das grandes administrações públicas ou privadas e das novas tecnologias sociais de organização de quadros), levou a uma modificação realmente importante da posição das mulheres na divisão do trabalho: observa-se, assim, um forte aumento da representação de mulheres nas profissões intelectuais ou na administração e nas diferentes formas de venda de serviços simbólicos (jornalismo, televisão, cinema, rádio, relações públicas, publicidade, decoração) e também uma intensificação de sua participação nas profissões mais próximas da definição tradicional de atividades femininas (ensino, assistência social, atividades paramédicas). (BOURDIEU, 2002, p.54).

Embora ainda havendo tamanha dicotomia, como afirma Ribeiro e Silva (2012), a inserção e participação da mulher na Ciência se elevaram consideravelmente, transformando a percepção sobre as mulheres e sobre o gênero no mundo Ocidental e desde então o número de universitárias (tanto graduadas, quanto pós-graduadas), assim como docentes e pesquisadoras no campo científico e tecnológico, vem se tornando cada vez mais significativo. Um grande exemplo de mulher considerada pioneira na ciência foi a Matemática neoplatônica Hipácia (370-415):

[...] que trabalhava na Biblioteca de Alexandria, assassinada por instigação de religiosos fanáticos. Ela aparece como uma estrela feminina quase solitária numa galáxia masculina, em toda a História da Ciência do mundo antigo, no medieval e mesmo nos primeiros séculos dos tempos modernos. (CHASSOT, 2004, p.14).

Hipácia destoou das mulheres de sua época que, quando raramente acessavam o meio científico, eram apenas assistentes dos homens cientistas, filósofos e experimentalistas da época. O suporte se dava entre esposas e filhas, de

homens envolvidos com a ciência, cuidando das coleções, limpando as vidrarias e traduzindo experimentos e textos. Coibidas até mesmo de participar de discussões nas academias científicas, assim como na sociedade, viviam nas sombras dos homens. (LETA, 2003).

As atividades das mulheres desde sempre foram secundárias, sendo direcionadas e supervisionadas pelos homens, resumindo-se apenas em tarefas de apoio, cuidado, educação... Ou seja, atividades consideradas como obrigação da identidade feminina, concepção que a feminilidade carrega até os dias de hoje e cenário de grandes dificuldades que enfrentam, já que a dicotomia (determinando tarefas exclusivas para mulheres e não permitidas a elas) se manteve. No entanto, através de reivindicações de grupos feministas, que se enfatizou o interesse em afrontar essa exclusão das mulheres e da desigualdade de gênero, cultivado no contexto histórico, cultural e social (RIBEIRO E SILVA, 2012).

Sendo assim, convém o questionamento: Por que a Ciência é masculina? De acordo com Chassot (2004), pode-se afirmar que essa expressão tem procedência da religião, consideravelmente masculina, já que apresenta certa misoginia.

Ainda de acordo com Chassot (2004), a questão relacionada aos Prêmios Nobel (a partir do século XX), passou a ser significativa para o prestígio científico social e econômico, o qual mesmo havendo a predominância masculina nas diversas áreas há destaque para algumas influentes mulheres, tais quais na área da Ciência.

Dorothy Hodgkin (1910-1994) foi premiada com o “Lênin da Paz”, ao promover “a criação de novas aplicações e medicamentos” e acreditara “que a ciência tinha uma função social e foi uma defensora do desenvolvimento científico em países menos desenvolvidos e sobretudo comunistas.” A Cientista Marie Curie, com contribuições significativas na Química e Física com estudos pioneiros na radioatividade, duplamente laureada com o Prêmio Nobel nessas duas áreas e primeira mulher a receber o prêmio, além de primeira professora mulher em Paris, é considerada a “MÃE DAS RADIOGRAFIAS” já que “desenvolveu aplicações médicas para suas descobertas: a radiografia. Ela criou até unidades móveis de radiografias durante a 1ª Guerra”. E como se já não fosse o suficiente, Marie Curie “ainda foi a responsável por identificar dois elementos da tabela periódica, o rádio e o polônio” (LISBOA, 2019, p. 10 e 11).

O propósito da retomada dessas marcantes mulheres se dá mediante a percepção de que as mulheres, ainda diante de todos os obstáculos de uma cultura masculina naturalizada socialmente, com muita luta, ainda sim marcaram a história da ciência. De acordo com Ribeiro e Silva (2012, p. 2):

Do mesmo modo que o gênero, a ciência também é uma construção social e histórica, produto e efeito de relações de poder, portanto as construções científicas não são universais, e sim locais, contingentes e provisórias. (RIBEIRO E SILVA, 2012, p. 02).

Apesar do avanço das mulheres na ciência, a incursão dos homens principalmente nas áreas das ciências exatas (engenharias, matemática e física) é expressivamente maior, enquanto que as mulheres ainda predominam nas áreas das ciências humanas e sociais:

Essa diferença se deve à divisão dos atributos masculinos/femininos no núcleo familiar; embora tenham ocorrido muitas mudanças sociais, ainda se mantém vigente o modelo patriarcal de sociedade. Por mais que as mulheres tenham alcançado a carreira científica, fica mais difícil devido à sua dupla jornada de trabalho: em casa, cuidando dos/as filhos/as, do marido e dos afazeres domésticos, conciliando essas atividades domésticas com o ambiente de trabalho. (CASEIRA, 2016, p.32).

Como afirma Felicio (2010 *apud* SILVA e RIBEIRO, 2014, p. 457), julga-se a razão, a objetividade e o raciocínio lógico provenientes do gênero masculino, enquanto que o sentimento, a subjetividade e a doação provenientes do gênero feminino. Isso tende a excluir as mulheres de certas áreas da Ciência, tais como a Física e Engenharia, já que a Física, por exemplo, por exigir mais conhecimento e habilidades em Matemática é reconhecida como uma área complexa e por isso, relativiza-se como uma área voltada aos homens. Assim como a licenciatura, mais propícia às mulheres, por ser relacionada com habilidades femininas Como destacam “[...] especialmente na Física e em alguns ramos da Engenharia, as mulheres são consideradas pessoas “fora de lugar”.”

Além dos fatores sociais, também entram em questão os fatores biológicos, para a justificativa da carência da mulher na ciência, nos quais se considerava o corpo feminino como frágil, reprodutivo e inclusive, com uma inteligência inferior, devido ao crânio das mulheres ser menor que o dos homens (concepção presente no século XVIII), o que enfatizou a ideia de que apenas os homens eram providos de conhecimento científico. E esse preconceito, que acarreta

em tamanha desigualdade, baseado nas relações sociais e de poder, vem sendo produzido na história e cultura. No entanto, é necessário se reconhecer que a identidade de cada pessoa é construída de acordo com sua vivência na sociedade e assim se definem as formas de vida e feminilidades/ masculinidades, ou seja, não se nasce apto para a ciência e sim, há a construção do conhecimento. Então não se deve considerar que apenas as mulheres extremamente talentosas devem ser reconhecidas na produção científica, pois essa cobrança só expande a desigualdade e elimina as chances de uma maior predominância feminina na área (CASEIRA, 2016).

Para haver a possibilidade de se ingressar na área da Ciência, é necessário “se adaptar” à maneira de pensar e fazer ciência, a qual é considerada: masculinizada, já que se valorizam habilidades e características masculinas, assim como dedicação integral, evidenciando que a mulher deve seguir o modelo masculino, pois os traços femininos não são adequados nesse contexto. A mulher continua sendo anulada em sua essência e sua identidade deve incorporar traços masculinos para que seja aceita no campo da ciência. Segundo Souza (2003 *apud* RIBEIRO E SILVA, 2014, p. 457),

ao discutir a formação de mulheres cientistas, argumenta que o modelo hegemônico de ciência, marcado por um viés androcêntrico, no que se refere aos procedimentos considerados legítimos, aos objetivos e usos de produtos do conhecimento, é reproduzido na Academia, de modo que os cursos que formam cientistas estão impregnados de valores masculinos, expressos: no campo simbólico, no uso de metáforas sexuais e sexistas, na forma como os sujeitos são socializados, nos pressupostos que orientam o fazer científico. (SOUZA 2003 *apud* RIBEIRO E SILVA, 2014, p. 457).

A carreira da Ciência é voltada para um modelo masculinizado que abrange grande competitividade, produtividade em pesquisas e tempo integral de trabalho, o que dificulta para a mulher fazer parte desse cenário. Ou seja, a mulher precisa se enquadrar a esses requisitos para fazer parte do contexto científico, além de ter de conciliar a profissão com os “deveres” familiares. Neste, também há a presença de sexismo e situações preconceituosas e discriminatórias, estas, consideradas pela sociedade, resultantes da postura adotada pela própria mulher. Além disso, a fim de “sobreviverem” ao ambiente tomado pelos homens, repleto de violência e assédio, as garotas devem adotar estratégias, que muitas vezes são caracterizadas por anular-se como mulheres (SILVA e RIBEIRO, 2014).

Segundo Olinto (2011), a cultura que mantém essa dicotomia entre os gêneros, também cria estereótipos os quais influenciam as escolhas de vida das mulheres desde cedo e estas, acabam se limitando. Essas limitações podem ser chamadas de segregação horizontal e segregação vertical. A segregação horizontal basicamente significa a influência familiar e educacional, voltada à diferenciação de gêneros, a qual estipula carreiras adequadas para cada sexo. A segregação vertical se relaciona com a horizontal, porém, de forma mais sutil, cujo favorecimento da ascensão profissional dos homens é presente, evidenciando assim a subordinação da mulher. Tal fator social é denominado “Teto de Vidro” e é encontrado nas carreiras científicas e tecnológicas, ou seja, o trabalho feminino é desvalorizado. Este teto de vidro demonstra as barreiras que as mulheres enfrentam relacionadas à ascensão profissional no ramo científico, a qual no Brasil, por exemplo, abrange uma redução da supremacia feminina, assim como da igualdade entre os gêneros. Isso ocorre, porque frequentemente os cargos de chefia, as promoções e bolsas de estudo da área científica, são ocupadas por homens, e para as mulheres conquistarem os mesmos benefícios, são exigidos muito mais requisitos destas. Com isso, nas carreiras exatas se observa uma segmentação por gênero, na qual homens predominam a carreira das ciências exatas:

Sobre a situação de homens e mulheres na ciência brasileira, pode-se concluir que refletem bem as ambiguidades que acompanham a inserção das mulheres nesse campo profissional: ganhos fantásticos que levam a mulher a representar folgada maioria convivem com indícios claros de que mecanismos de segregação horizontal e vertical de gênero ainda separam homens e mulheres em nichos acadêmicos e limitam a progressão da mulher na ciência (Olinto, 2011, p. 75).

Por isso, ainda de acordo com Olinto (2011), para uma maior inclusão das mulheres nos ramos da Ciência, deve-se atuar primeiramente no âmbito familiar, eliminando os estereótipos de gênero nas decisões sobre as profissões e no trabalho doméstico, tornando-o mais igualitário. Deve-se atuar também no âmbito das escolas, contribuindo com atitudes e valores que influenciem equitativamente nas perspectivas profissionais; e devem ser implantadas, assim como monitoradas, mudanças nas políticas públicas e programas de instituições de ensino, principalmente por parte dos “órgãos de informação em ciência e tecnologia, dando destaque à distribuição por sexo dos vários tipos de produtos da ciência e das várias formas de apoio à atividade científica”, no intuito de reduzir essas segregações

horizontais e verticais, incentivando a equidade entre os gêneros no meio acadêmico e na carreira científica.

DOMINAÇÃO MASCULINA E VIOLÊNCIA SIMBÓLICA

Os termos que serão aqui abordados, "dominação masculina" e "violência simbólica", criados pelo autor contemporâneo, sociólogo Francês Pierre Bourdieu (1930-2002), estão retratados em sua obra "A Dominação Masculina" como estrutura simbólica da suposta superioridade masculina e busca apresentar a propensão de pensamento que norteia a visão sobre a masculinidade e feminilidade presente em diferentes tempos, setores e instituições da sociedade, que estão enraizadas de tal forma que acabam se tornando parâmetro de pensamento.

A reprodução destas estruturas acontece especialmente por meio de vias simbólicas, não necessariamente de uma violência física que se imponha sobre os indivíduos, mas sim de uma violência simbólica. Está, assim denominada por Bourdieu (2002), está relacionada à estrutura de pensamento que representa a nossa percepção de realidade social, de si próprio e do outro, estrutura a qual, tomamos por natural/correto.

Dessa forma, a partir de uma perspectiva simbólica, Pierre Bourdieu em seu livro "A dominação Masculina (2002)", utiliza o povo da região de Cabília, como base de estudo, no qual identificou uma forma de organização androcêntrica, em que as relações culturais, simbólicas e estruturais, colocam o homem como princípio de tudo. Uma vez que a existência de cada gênero é um corpo social diferenciado (cujo masculino se difere do feminino), dentro de um estigma traçado culturalmente na história, Bourdieu (1983) define como *habitus* o processo de incorporação que define uma maneira de ser, pertencer e estar em estruturas construídas que desencadeiam outras estruturas, as quais compõem a prática e as representações de um indivíduo.

As regularidades da ordem física e da ordem social, impõem e inculcam as medidas que excluem as mulheres das tarefas mais nobres (conduzir a charrua, por exemplo), assinalando-lhes lugares a postura correta do corpo (por exemplo, curvadas, com braços fechados sobre o peito, diante de homens respeitáveis), atribuindo-lhes tarefas penosas, baixas e mesquinhas (são elas que carregam o estrume, e na colheita das azeitonas, são elas que as juntam do chão com as crianças, enquanto os homens manejavam a vara para fazê-las cair das árvores), enfim, em geral tirando partido, no sentido dos pressupostos fundamentais, das diferenças biológicas que

parecem assim estar à base das diferenças sociais. (BOURDIEU, 2002, p.17).

A predominância masculina se fundamenta em duas premissas essenciais: a primeira se dá pela suposta superioridade biológica, e a segunda, pela própria aceitação cultural dentro do contexto histórico, conforme Bourdieu (2002) "construção naturalizada". Nesse sentido o corpo é "construído" socialmente, sendo a ordem masculina favorecida pela confirmação constante do funcionamento para com a sociedade.

A definição do termo dominação masculina simboliza, conforme Bourdieu (2002, p. 41), a mulher sob um estado de insegurança individual perante a sociedade, chamando a atenção para qualidades fúteis: "elas existem primeiro pelo, e para olhar dos outros, ou seja enquanto objetos receptivos, atraentes, disponíveis". A superioridade masculina e a estrutura feminina são colocadas dentro de um contexto onde a mulher acaba por ser oprimida e cerceada, direcionando aos homens a decisão sobre o pensamento e ações de todos os membros da sociedade, sendo propagados universalmente.

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação. (BOURDIEU, 2002, p.12).

A estrutura da dominação masculina é representada conforme Bourdieu (2002) através da violência simbólica, resultando em uma relação de dominância masculina e submissão feminina, impulsionada de diferentes formas dentro de um relacionamento individual ou social, dentro de um universo onde a relação de dominação funciona por meio de cumplicidade de tendências profundamente transformadas e perpetuadas dentro da estrutura social.

[...] com uma transformação radical das condições sociais de produção das tendências que levam os dominados a adotar, sobre os dominantes e sobre si mesmos, o próprio ponto de vista dos dominantes. A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e de desconhecimento prático, ato que se efetiva aquém da consciência [...]. (BOURDIEU, 2002, p.75).

Essa relação de dominação masculina e violência simbólica, faz com que o dominado tenda a assumir a respeito de si mesmo o ponto de vista do dominante, dessa forma, aplica e aceita sobre si próprio a dominação e violência assim imposta sobre o indivíduo dominado. Visto que quando um dominado entende e aplica o conhecimento que lhe foi usado da mesma forma e contexto, ainda está dentro de um cenário de dominação, sendo assim, ele continua sendo dominado pois não há pensamentos e ação livre.

A dominação masculina encontra-se contida e em pleno exercício no cotidiano, sendo esta concedida aos homens de forma objetiva dentro da estrutura social e profissional, proporcionando uma divisão biológica no trabalho de produção e reprodução, na qual prevalece a superioridade masculina, superioridade que dita as regras sobre a divisão de atividades produtivas e ideias associadas a divisão do trabalho. “A divisão entre os sexos parece estar na ordem social e das coisas, nesse sentido a dominação masculina é tão sofisticada que dispensa justificativas, é como se essa visão de mundo fosse neutra e não tivesse necessidade de explicar-se (Bourdieu, 2002, p.35)”.

O homem não pode, sem derrogação, rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (entre outras razões porque está excluída a idéia de que ele possa realizá-las), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens, ou insignificantes e imperceptíveis, fáceis e fúteis, quando são realizadas por mulheres, como nos faz lembrar a diferença entre um cozinheiro e uma cozinheira, entre o costureiro e a costureira; basta que os homens assumam tarefas reputadas femininas e as realizem fora da esfera privada para que elas se vejam com isso enobrecidas e transfiguradas (...) as profissões ditas qualificadas caibam sobretudo aos homens, ao passo que os trabalhos atribuídos às mulheres sejam "sem qualificação. (BOURDIEU, 2002, p.102).”

Conforme Bourdieu (2002), as mulheres participaram de longas lutas para se fazer reconhecer suas qualidades e qualificações, a fim de chamar atenção de seu valor social/profissional. Entretanto, diante do empobrecimento de sua simbologia feminina, mais uma vez se fez valer a superioridade masculina. O sexo feminino sempre foi menosprezado pela sociedade, um exemplo disso é o direcionamento da mulher para serviços braçais ou de pouco prestígio, como empregada doméstica, cozinheira, etc., uma vez que quando essas atividades eram realizadas por homens, este era super valorizado por desempenhar essas atividades.

Mesmo nas mais distintas e tímidas incursões sociais das mulheres no percurso histórico, a relação entre os gêneros em diferentes épocas ainda sim, estabelecem pesos e medidas diferentes diante da dominação masculina. Após a revolução industrial, com a segmentação entre o trabalho e a casa, dada pelo declínio do peso econômico, o sexo feminino passou a ganhar destaque na contribuição de apoio à renda familiar.

(...) a mesma relação de dominação pode ser observada, sob formas diferentes, nas condições femininas mais diversas, que vão da dedicação benévola das mulheres da grande burguesia dos negócios e do dinheiro a seu lar, ou suas boas obras, à dedicação ancilar e "mercenária" das empregadas da casa, passando, no nível da pequena burguesia, pela ocupação de um emprego assalariado complementar ao do marido, compatível com ele, e quase sempre exercido como algo inferior. (BOURDIEU, 2002, p.27).

Diante desse contexto, contrariando a tendência de dominação masculina histórica e religiosa, as mulheres deixaram de ser apenas direcionadas a trabalhos domésticos e objetos de reprodução humana, galgando cargos dentro do mercado de trabalho com a finalidade de apoiar nas contas da família.

Direcionadas à gestão do capital simbólico das famílias, as mulheres são logicamente levadas a transportar este papel para dentro da empresa, onde se lhes pede quase sempre para coordenar as atividades de apresentação e de representação, de recepção e acolhida (aeromoça, recepcionista, anfitriã, guia turístico, atendente, recepcionista de congresso, acompanhante etc.), e também a gestão dos grandes rituais burocráticos que, tais como os rituais domésticos, contribuem para a manutenção e o aumento do capital social de relações e do capital simbólico da empresa. (BOURDIEU, 2002, p.164).

Bourdieu (2002) cita como "vítimas privilegiadas" da dominação simbólica, as mulheres da pequena burguesia, uma vez que possuem atenção extrema aos cuidados com sua aparência física, priorizando a estética. E dessa forma, são usadas como modelos de mulheres para serem exibidas pelos maridos em eventos sociais, sendo o alicerce do lar símbolo de uma família ideal e invejável:

Estando, assim, socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e, por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura, elas têm naturalmente a seu cargo, na divisão do trabalho doméstico, tudo que se refere à estética e, mais amplamente, à gestão da imagem pública e das aparências sociais dos membros da unidade doméstica, dos filhos, obviamente, mas também do esposo, que lhes delega muitas vezes a escolha de sua indumentária. (BOURDIEU, 2002, p.163).

Dadas as mudanças que afetaram as condições femininas, o autor cita a permanência de estruturas invisíveis (preconceitos e cultura praticados). Dessa maneira, conectando as relações, podemos entender que a dominação observada é vista de diferentes formas em condições mais diversas, que se dão pelo empenho e desejo das mulheres para os negócios (não levando em consideração a classe social), podendo proporcionar ao lar um complemento a renda do marido, sendo compatível com o dele, porém, sempre exercido como algo inferior.

Em uma análise da obra “A dominação masculina” de Bourdieu (2002), Lazdan et al (2014), no que diz respeito à definição de um cargo, citam que:

A visão androcêntrica é injusta mesmo com as mulheres que têm habilidades consideradas masculinas, pois, neste caso, são exigidas, além das habilidades, posturas que elas não teriam por natureza e educação, como a estatura física, voz e aptidões como a agressividade, segurança e a autoridade “natural”, recursos que os homens foram treinados ao longo de sua educação. Claramente observamos o envolvimento das relações puras de poder como arbitrárias na escolha masculina para a execução de cargos de chefia. Uma mulher com aptidões de liderança desenvolvidas, poderia obviamente exercer esse papel, mas o que está envolvido aqui não é apenas o requisito, mas o poder masculino que não pode ceder seu espaço à mulher. (LAZDAN et al., 2014, p.480).

Logo, observa-se uma desqualificação do ser “mulher” nos diferentes contextos da sociedade, havendo por parte das mulheres uma necessidade e esforço maior para poder “provar” suas aptidões.

A seguir, apresentamos a metodologia da pesquisa que busca identificar a presença ou ausência da “violência simbólica” no contexto de formação inicial de engenheiras do IFSC, campus Florianópolis.

METODOLOGIA

Reconstruir ideias, enriquecer conceitos e definições, são possibilidades que a pesquisa oferece uma vez que possamos instigar outras pessoas a pensar e refletir sobre o tema desejado, dando sentido ao projeto. A função metodológica aplicada na organização do trabalho pode vir a contribuir com o processo de construção de saberes, dando a oportunidade de ir além de teorias e definições já pesquisadas.

Para a abordagem metodológica do tema de pesquisa, foi desenvolvido uma pesquisa qualitativa aplicada. A pesquisa qualitativa preocupa-se “com

aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (GERHARDT e SILVEIRA 2009, p.31)”. Nesse sentido, foi elaborado um formulário⁴ online semiestruturado, que buscou explorar a realidade e experiências vividas e pensadas por estudantes mulheres em formação nos cursos de Engenharias (Civil, Elétrica, Eletrônica e Mecatrônica do IFSC, campus Florianópolis.

A pesquisa teve como objetivo, analisar a presença ou ausência da “violência simbólica” e/ou “dominação masculina” no contexto de formação inicial de engenheiras de cursos de Engenharias do IFSC, campus Florianópolis e evidenciar em suas narrativas, possíveis desafios por elas enfrentados. Dessa forma, buscaremos identificar possíveis relações entre o referencial teórico e a realidade relatada no resultado da pesquisa. Conforme Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa qualitativa se caracteriza como:

(...) objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p.32).

Por conseguinte, ao adotar uma abordagem qualitativa, conforme Gerhardt e Silveira (2009), existe uma aproximação entre sujeito e objeto de pesquisa, uma vez que ambos são da mesma natureza, considerando uma relação de empatia aos indivíduos “atores” do projeto, a partir dos quais as ações, as estruturas e as relações, tornam-se significativas. Vale salientar que conforme Minayo e Sanches (1993, p.247), “uma abordagem qualitativa em si não garante a compreensão em profundidade”.

Como consequência, a amostragem qualitativa: (a) privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer; (b) considera-os em número suficiente para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta; (c) entende que na sua homogeneidade fundamental relativa aos atributos, o conjunto de informantes possa ser diversificado para possibilitar a apreensão de

⁴ Formulários, uma ferramenta do Google Forms que é um serviço gratuito e totalmente online (compatível com qualquer navegador e sistema operacional) para criar formulários e coletar dados. Disponível em: <https://pluga.co/blog/tutoriais/google-forms-como-usar/>

semelhanças e diferenças; (d) esforça-se para que a escolha do locus e do grupo de observação e informação contenham o conjunto das experiências e expressões que se pretende objetivar com a pesquisa. (MINAYO, 2004, p.104).

Desse modo, após o levantamento do referencial teórico da pesquisa, construiu-se no formato de formulário online, um questionário semiestruturado, para que as estudantes pesquisadas pudessem responder livremente sem a presença do pesquisador, as seguintes perguntas:

1. Em sua opinião, por que a mulher é considerada “sexo frágil”?
2. Você acredita que o comportamento do homem e da mulher ocorre por questões biológicas e/ou culturais?
3. Em sua opinião, há desigualdade entre os gêneros? Quais fatores contribuem para a presença ou ausência dessa desigualdade?
4. Como se dá a inserção de gêneros no mercado de trabalho, em sua opinião?
5. Você identifica alguma relação de dominação masculina no contexto educacional? Como você observa essa situação?
6. Como você acredita que se dá a inserção da mulher na ciência e na tecnologia? Justifique.
7. Você já pensou em desistir do curso/emprego na área? Comente o porquê.
8. Comente algo que você considera pertinente ao tema "Inserção das Mulheres na Educação Científica e Tecnológica" que não foi abordado no questionário.

A partir do levantamento das estudantes com matrículas ativas nos cursos de engenharias do IFSC (Engenharia Civil⁵, Elétrica⁶, Eletrônica⁷ e Mecatrônica⁸), identificadas através da pesquisa pelo Sistema Integrado de Gestão

⁵ O engenheiro civil é um profissional que aplica conhecimentos matemáticos, científicos, tecnológicos e instrumentais para a solução dos diversos problemas e desafios da construção civil, buscando o bem estar social e a preservação do meio ambiente. Disponível em: <http://sites.florianopolis.ifsc.edu.br/dacc/professores/o-curso/curso-superior-de-engenharia-civil/>

⁶ O Curso de Graduação em Engenharia Elétrica é baseado em disciplinas de física, matemática, química e informática. Disponível em:

https://sigaa.ifsc.edu.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=2398796&lc=pt_BR

⁷ O Curso de Engenharia Eletrônica está direcionado para a concepção, projeto, implementação e manutenção de sistemas eletrônicos. Disponível em: https://sigaa.ifsc.edu.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=2398795&lc=pt_BR

⁸ Engenharia Mecatrônica é um moderno curso de graduação que desenvolve competências nas áreas de mecânica, eletroeletrônica e informática industrial, de forma multidisciplinar e integrada para

de Atividades Acadêmicas (SIGAA), obteve-se o número de acadêmicas em seus respectivos cursos (Gráfico 1). Após o levantamento do número de estudantes ativas, entrou-se em contato via e-mail com os coordenadores dos cursos de Engenharias, para solicitar então o e-mail das estudantes .

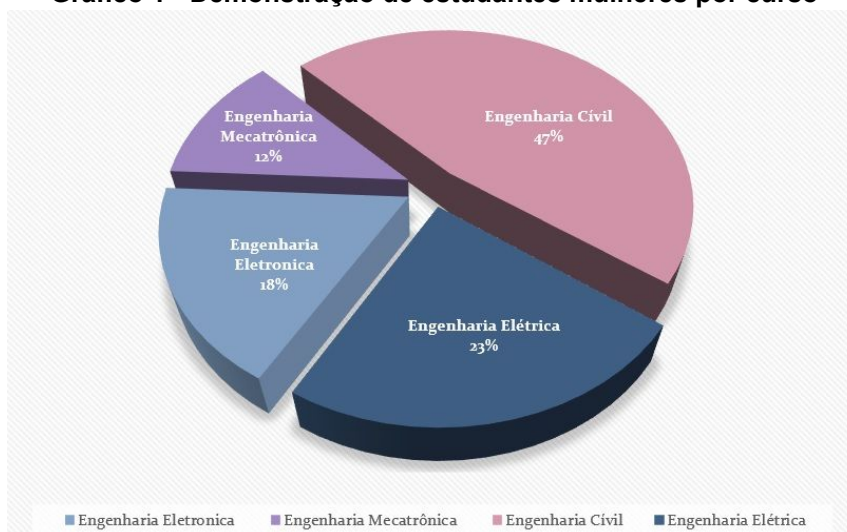
O questionário online foi enviado para o e-mail de cada estudante, juntamente com os objetivos da presente pesquisa, e o termo de consentimento livre esclarecido. A fim de preservar a imagem das estudantes, definimos códigos de identificação em suas respectivas respostas. A análise das respostas está organizada pela ordem das questões que foram aplicadas na pesquisa. Buscaremos a partir das respostas, dialogar com autores presentes em nosso referencial teórico, a fim de contribuir e esclarecer conceitos presentes na pesquisa do projeto. Dessa forma, analisar os dados qualitativos, que de acordo com André e Lüdke (1986, p.35), “significa “trabalhar” todo o material obtido durante a pesquisa, ou seja, os relatos das observações, as transcrições de entrevistas, as análises de documentos e as demais informações disponíveis.” Segue na seção seguinte, a análise das narrativas das estudantes de engenharia em formação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os cursos de Engenharias⁹ do IFSC - campus Florianópolis, são predominantemente masculinos. Considerando as matrículas ativas de alunos e alunas nesses Cursos, o número total de mulheres (estudantes) foi contabilizado, sendo representado no gráfico abaixo:

planejar, implementar, manter e otimizar sistemas e processos industriais. Disponível em: https://sigaa.ifsc.edu.br/sigaa/public/curso/portal.jsf?id=2398727&lc=pt_BR

⁹ Os cursos superiores de tecnologia são cursos de graduação, geralmente focados em demandas específicas do mercado de trabalho, e credenciam os profissionais a atuar em atividades que envolvem pesquisa aplicada, difusão de tecnologias, gestão de processos de produção e empreendedorismo, entre outras áreas. Têm duração menor que um bacharelado, entre três e quatro anos. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/superiores-de-tecnologia>

Gráfico 1 - Demonstração de estudantes mulheres por curso

Fonte: Autoria Própria, (2020).

O gráfico nos mostra que as proporções de estudantes do gênero feminino nas áreas de engenharias, por hora, ainda são minoria, prevalecendo a presença masculina. Em um universo de 425 estudantes na Engenharia Civil, 395 estudantes na Engenharia Elétrica, 284 estudantes na Engenharia Eletrônica e 340 estudantes na Engenharia Mecatrônica, totalizando 1.415 estudantes homens e mulheres dos quais apenas 379 são mulheres e se distribuem, conforme gráfico acima, nos cursos de Engenharia do IFSC - campus Florianópolis.

Esta pesquisa constitui-se de um total de dezessete estudantes em formação inicial das Engenharias respondendo o questionário. A idade das estudantes entrevistadas foi de dezenove até trinta e nove anos.

Na sequência vamos analisar as narrativas das estudantes, com base nas respostas dadas ao questionário.

Questão 01. Em sua opinião, por que a mulher é considerada sexo frágil?

Um estereótipo muito utilizado pelo senso comum, o termo “sexo frágil”, se caracteriza para diferenciar mulheres de homens, o qual representa a mulher sendo o “sexo frágil”. Também é um termo já utilizado em séries e novelas na televisão brasileira, fazendo analogias à palavra. Ao pesquisar e investigar sobre “sexo frágil”, nada se encontra sobre a origem da palavra, porém, nas buscas por respostas, o termo está sempre relacionado ao gênero feminino. Então, refletindo

sobre... Por que será que a mulher é considerada sexo frágil? Ou, será que ela ainda é considerada sexo frágil?

As estudantes Um e Sete acreditam que a mulher ser considerada sexo frágil, ocorre devido as mulheres não possuírem a mesma força braçal de um homem, e, conseqüentemente exercem menos força que o mesmo. Conforme a estudante Três, no que se refere às atividades físicas/braçais, considera que eram sempre os homens destinados para essas atividades, logo se tornaram fisicamente mais fortes, pois isso era visto como uma forma de poder.

Em concordância com as estudantes acima citadas, as estudantes Dois e Três, ressaltam que esse fato se dá desde os primórdios, nos quais as mulheres eram consideradas fracas fisicamente pelos homens; apontam também, que na pré-história, enquanto as mulheres cuidavam da casa, das crianças, e colhiam frutos (considerado pela estudante dois, um trabalho totalmente desvalorizado pela sociedade, mas que exige muito esforço), os homens saiam para caçar, atividade a qual era considerada como mais importante.

A estudante Dois considera ainda que, por muito tempo, a mulher não recebeu estudo científico, sendo direcionada apenas para os cuidados de casa. Outro ponto que a estudante ressaltou, foi sobre os padrões de beleza impostos pela sociedade, os quais considera-se que atingem principalmente as mulheres: “até hoje sinto que existe, por parte dos homens, um pensamento de que a mulher é "mentalmente" inferior, o que é um pensamento totalmente errado”, finaliza a estudante dois. Conforme Bourdieu (2002, p.163), as mulheres nesse sentido eram “socialmente levadas a tratar a si próprias como objetos estéticos e por conseguinte, a dedicar uma atenção constante a tudo que se refere à beleza, à elegância do corpo, das vestes, da postura (...).”

A estudante Cinco complementa e associa a denominação “sexo frágil”, considerando a associação da mulher enquanto um estereótipo de pureza, sensibilidade e delicadeza. Conforme Bourdieu (2002), tudo se refere a estética, sobre o aparecer sensível da mulher, incluindo a linguagem, resultando assim em sua apresentação para com a sociedade.

Carrara (2009) também faz referência às desigualdades de gênero pautadas em diferenças biológicas:

Este imperativo de encontrar no corpo as razões de tais diferenças, ou seja, de essencializá-las ou neutralizá-las, explica-se pela preponderância formal dos princípios políticos do Iluminismo, muito especialmente do princípio da igualdade. Depois da Revolução Francesa, nas democracias liberais modernas, apenas desigualdades naturais, inscritas nos corpos, podiam justificar o não acesso pleno à cidadania. (CARRARA, 2009, p.13).

]

A estudante Três ressalta também sobre o direito de trabalho das mulheres que aconteceu ao longo dos anos, e menciona que quando as mulheres começaram a entrar no meio de trabalho, eram vistas com limitações para poder exercer cargos, sem ter a capacidade de assumir um emprego da mesma maneira que o homem fazia. Bourdieu (2002, p.82), com relação ao trabalho, considera que “a divisão sexual está inscrita, por um lado, na divisão das atividades produtivas a que nós associamos a ideia de trabalho [...]”.

[...] a ação humana é regulada por motivos e normas. Os motivos que nos levam a agir de uma ou outra maneira podem estar relacionados a interesses pessoais ou coletivos, a razões e justificativas e a emoções. As normas, por sua vez, são impostas pela cultura, pelas instituições formais que repassam valores morais e implementam leis. (CARRARA, 2009. p 30).

De acordo com as estudantes Quatro, Cinco e Quatorze, as mulheres tendem a ser mais sentimentais e emotivas que os homens, o que leva a considerar tais características como indivíduos mais frágeis, visto que os homens são associados por características de brutalidade.

A estudante Seis não atribui o conceito de sexo frágil à mulher, assim como argumenta a estudante oito, que ressalta que “não é a real condição feminina, as mulheres são tão fortes, inteligentes e competentes quanto os homens. Não é o gênero que determina a fragilidade de uma pessoa”; para a estudante Oito e Dez, essa suposição de sexo frágil é uma construção social, argumento que vai ao encontro da ideia apresentada pela estudante onze, que descreve “sexo frágil” como um “termo muito utilizado nas décadas passadas. Atualmente, com a globalização e todos os instrumentos que temos em mãos, é inadmissível o uso desse termo para classificar as mulheres.”

Em conformidade com as contribuições das estudantes, conclui-se que existem estereótipos atribuídos à figura feminina, que conforme Bourdieu (2002), estão enraizados e naturalizados na sociedade. Já para algumas estudantes, a denominação de sexo frágil atribuído à figura feminina é inadmissível, visto que

acreditam no poder, valor e força que uma mulher pode ter, sem se diferenciar da figura masculina.

Questão 02. Você acredita que o comportamento do homem e da mulher ocorre por questões biológicas e/ou culturais?

Seis das dezessete estudantes acreditam que o comportamento do homem e da mulher ocorre principalmente por questões culturais. De acordo com Carrara (2009, p.42), “[...] as culturas criam padrões que estão associados a corpos que se distinguem por seu aparato genital...” Ao se tratar de cultura, considera-se ainda que,

[...] a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo a um fenômeno individual. [...] cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, atribui significados diferentes a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. (CARRARA, 2009, p.22).

No mesmo sentido de Carrara (2009), Bourdieu (2002) ressalta a visão androcêntrica do mundo em que estamos inseridos, visão que está presente em nosso inconsciente construído historicamente. Dessa forma, não atribui o comportamento humano à questão biológica, mas sim, a um trabalho de construção histórica suscetível de ser modificado.

É a visão androcêntrica que não oferece alternativa para a mulher se comportar da maneira que desejar sem estar livre de julgamento ou classificação [...] Nas funções culturais às quais o homem é delegado, está embutida a formação do dominante, que compõem o roteiro dos jogos sociais, aqueles instituídos pelos ritos de instituição, e pelos quais o homem é apreendido, tornando-se igualmente vítima de seu próprio jogo. (LAZDAN, et al., 2014 p.482, 483).

As demais estudantes acreditam que o comportamento de homens e mulheres ocorre por ambas as questões, biológicas e culturais. A estudante Dois, descreve que “algumas questões podem ser consideradas biológicas, já que são naturais do ser humano. Mas o machismo é uma construção social, tanto que existem sociedades matriarcais¹⁰”.

¹⁰ Sociedade matriarcal: uma forma de organização social na qual a mulher ocuparia a posição central, tanto no ramo familiar como na própria comunidade em si. Nessa sociedade, o poder estaria nas mãos da mulher. Disponível em: <https://www.gestaoeducacional.com.br/matriarcado-o-que-e/>

A estudante Oito, acredita que o comportamento possui influência biológica devido a questões hormonais, porém, acredita que isso não seja empecilho para que as mulheres deixem de exercer a mesma função que os homens no mercado de trabalho e ressalta, que “a parte cultural dita que, por terem comportamentos diferentes, mulheres e homens são aptos a coisas diferentes”, fato este que a própria estudante oito discorda.

Já a estudante Dez considera que, “o homem tem mais força por isso está mais “apto” a exercer cargos que precisam de força, dos quais antigamente eram a maioria, e isso perpetuou até hoje” e ressalta: “mulheres têm mais capacidade de exercer funções que usam a inteligência como a programação.”

A estudante Onze acredita que, “o comportamento demonstrado quando se está em grupos maiores é principalmente cultural, como casos de discriminação e abuso que ocorrem em algumas empresas e escolas”.

Nos reportamos novamente à importante análise de Carrara (2009):

A escola é, portanto, influenciada pelos modos de pensar e de se relacionar da/na sociedade, ao mesmo tempo em que os influencia, contribuindo para suas transformações. A escola, cumprindo sua responsabilidade de formar cidadãos e cidadãs, deve oferecer mecanismos que levem ao conhecimento e respeito das culturas, das leis e normas. (CARRARA, 2009, p. 31).

A própria escola pode disseminar ideologias discriminatórias ao se isentar de crítica. A neutralidade silencia vozes oprimidas e perpetua modos de pensar opressores.

Questão 03. Em sua opinião, há desigualdade entre os gêneros? Quais fatores contribuem para a presença ou ausência dessa desigualdade?

As estudantes consideram que sim, ainda existe desigualdade entre os gêneros. Um dos fatores mais destacados foi devido ao preconceito que ainda se faz presente.

Conforme a estudante Dois, “a desigualdade é promovida pelos costumes, estatisticamente os homens ganham mais que as mulheres” e acredita que “muitas mulheres foram impedidas de alcançar o conhecimento ou cargos de poder por preconceito.” Assim como a estudante Dois, a estudante sete, acredita que a desigualdade de gênero ocorre devido a questões culturais, e acredita que a “emancipação feminina tende a ser cada vez mais achatada.”

A estudante Três considera que a desigualdade é evidente por conta da cultura patriarcal que vem sendo alimentada por séculos.

Conforme Bourdieu (2002), a sociedade opera como um comércio de bens simbólicos, representados pela visão de dominância masculina, “ser, quando se trata de mulheres é, como vimos, ser-percebido, e percebido pelo olhar masculino, ou por olhar marcado pelas categorias masculinas (BOURDIEU, 2002, p.162)”.

Na opinião da estudante Quatro, o que contribui para a desigualdade é a falta de oportunidade que as mulheres possuem para se dedicarem ao mundo acadêmico, como por exemplo, uma vez que é a mulher que ainda ocupa a posição de cuidadora do lar e dos filhos. Infelizmente, observamos que muitas mulheres não se sentem realmente capazes de seguir um papel profissional que, geralmente, é ocupado por homens. Acredita-se ainda que as mulheres possuem as mesmas capacidades dos homens em determinadas funções. Como afirma a estudante Doze, “os homens e as mulheres pensam que os homens são mais competentes, corajosos e proativos, aceitando com pouca crítica que eles assumam liderança em diferentes ambientes.”

Nesse sentido, Bourdieu (2002) destaca que a mulher se coloca, de forma naturalizada, na posição de dominada, um reflexo da “dominação masculina” e “violência simbólica”, o qual exterioriza que a própria “vítima” visualiza o contexto a partir da perspectiva do dominante, aplicando a violência simbólica a si própria. A qual não deixa de ser, de acordo com a estudante Cinco, “fatores históricos que carregamos até hoje.”

O pensamento anterior citado, vai ao encontro do argumento da estudante Seis, que descreve: “existem muito homens tomadores de decisões ainda, e culturalmente muitas pessoas, não importando o sexo, vêem mais credibilidade em um homem do que em uma mulher.”

Conforme Bourdieu, (2002, p. 102) “o homem não pode sem derrogação rebaixar-se a realizar certas tarefas socialmente designadas como inferiores (...), as mesmas tarefas podem ser nobres e difíceis quando são realizadas por homens.”

A estudante Seis, considera ainda, que essa desigualdade ocorre devido a falta de condições de estudos, que as mulheres não possuíam no passado, e

complementa: “Claro que existem mulheres que lutaram contra esse sistema e descobriram muitas coisas, como Marie Curie¹¹. Mas voltando ao ponto, homens ainda são em geral no mundo da engenharia, tomadores de decisões, então quando uma mulher e um homem vão concorrer a uma bolsa de estudos, muitas vezes o sexo (gênero) é inconscientemente levado em consideração, o que não é justo. A mulher e o homem tem a mesma capacidade intelectual, mas a mulher tem que se esforçar mais para poder mostrar que ela também é capaz.”

Em consentimento com a resposta da estudante Seis, a estudante Um destaca: “É muito mais difícil para mulheres conseguirem estágios na área da mecatrônica, por exemplo. Apenas pelo fato de que ainda se tem a ideia de ser um trabalho que deve ser exercido por homens.” Apesar de já ter havido mudanças significativas no mercado de trabalho, para mulheres em diferentes campos profissionais, Bourdieu (2002, p.151) destaca que “suas oportunidades de acesso (seus índices de representação) decrescem à medida que se atingem posições mais raras e mais elevadas (...)”.

O que a estudante Dez afirma é que: “Homens sempre ocuparam lugares de poder, um espaço que só recentemente as mulheres começaram a ocupar. Todos os padrões, leis e costumes, foram estabelecidos por homens que comandavam, o que gera desigualdade, mesmo que em alguns casos seja implícita.”

Assim como a estudante Dez, a estudante oito, considera que “um dos principais fatores que contribuem para essa desigualdade, está na forma de como a sociedade foi desenvolvida, sempre dando ao homem uma posição de poder, enquanto que as mulheres não eram vistas como essenciais, a não ser para gerarem filhos e cuidarem da casa.”

Ser “feminina” é, essencialmente, evitar todas as propriedades e práticas que podem funcionar como sinais de virilidade; e dizer de uma mulher de poder que ela é “muito feminina” não é mais do que um modo particularmente sutil de negar-lhe qualquer direito a este atributo caracteristicamente masculino que é o poder. (BOURDIEU, 2002, p.162).

¹¹ A mãe das radiografias. Marie Curie desenvolveu aplicações médicas para suas descobertas radiografia. Ela criou até unidades móveis de radiografias durante a 1ª Guerra. As máquinas eram chamadas de *petites Curies*, ou “pequenas Curies” em português. Disponível em: Revista Super Interessante.

Conforme a estudante Onze, “não há desigualdade, porém não temos equidade. Isso não acontece, pois existem pessoas que ainda separam coisas de mulher e coisas de homem.” Bourdieu (2002) nesse sentido, cita que a educação favorece a divisão do feminino e masculino, pois desde muito cedo meninos são direcionados a jogos de dominação (futebol, lutas, pescaria), enquanto que as meninas, a colaborar com os afazeres de casa, que envolvem cuidados.

A estudante Treze acredita que a desigualdade é mantida para que os homens se mantenham na mesma posição. Nós queremos ganhar espaço, enquanto eles não querem perder os seus. Infelizmente, ainda não é perceptível o "lucro" para todas as partes.

Questão 04. Como se dá a inserção de gêneros no mercado de trabalho, em sua opinião?

O mercado de trabalho é um campo instigante e abrangente a ser estudado, o qual não deixa de ser também uma luta histórica, que envolve o contexto social e cultural, sendo construída ao longo dos séculos. Por se tratar de um campo profissional, não deixa de exigir, conforme a estudante Nove, uma inserção baseada na “profissionalização, qualificação, força de vontade”.

A estudante Seis, ressalta que “independente do gênero, o mercado de trabalho é sinônimo de competição, onde o melhor vence. Porém, é perceptível a preferência pela figura masculina em determinadas profissões, mesmo que uma mulher, por exemplo, seja muito mais capacitada. É o que percebo com o curso que escolhi, a engenharia mecatrônica”. A estudante Quinze compartilha da mesma ideia da estudante Seis, destacando que: “ambos conseguem empregos, porém com reconhecimento desigual, minha principal experiência profissional foi antes de iniciar o curso superior, em um ambiente legal, mas que tinha como abordagem logística mulheres no setor de atendimento ao cliente e homens, no setor tecnológico e financeiro.” Nesse sentido, Bourdieu (2002) destaca:

A definição de um cargo, sobretudo de autoridade, inclui todo tipo de capacitações e aptidões sexualmente conotadas: se tantas posições dificilmente são ocupadas por mulheres é porque elas são talhadas sob medida para homens cuja virilidade mesma se construiu como oposta às mulheres tais como elas são hoje. Para chegar realmente a conseguir uma posição, uma mulher teria que possuir não só o que é explicitamente exigido pela descrição do cargo, como também todo um conjunto de atributos que os ocupantes masculinos atribuem usualmente ao cargo, uma estatura

física, uma voz ou aptidões como a agressividade, a segurança, a "distância em relação ao papel", a autoridade dita natural etc, para as quais os homens foram preparados e treinados tacitamente enquanto homens. (BOURDIEU, 2002, p.106).

Ou seja, é visto enquanto característica por parte do dominante, um conjunto de aptidões que diz respeito a voz, estatura física, segurança, agressividade, características que para o autor Bourdieu (2002), são exigidos para cargos de autoridade, que são características masculinas. Dessa forma, visto que tais aptidões possuem um certo poder simbólico, para que as mulheres possam assumir tais cargos, cabe a mulher se preparar e se igualar às características ditas “masculinas”.

O que a estudante Dezesseis destaca, é que a inserção de gênero no mercado de trabalho ocorre de forma “delicada e seletiva; no caso da engenharia civil, por exemplo, aos olhos dos empregadores, muitas vagas podem ser ocupadas somente por homens.” A estudante Sete vai ao encontro dessa ideia da estudante Dezesseis, a qual aponta ainda que “os homens têm mais oportunidades, cargos mais altos e salários melhores do que as mulheres.”

Conforme o relato da estudante Três, “as mulheres ganham menos que os homens pelo mesmo trabalho, são julgadas pelo simples fato de serem mulheres, e sofrem com assédio no trabalho. O alcance da igualdade ainda está muito distante da atual realidade.”

mesmo quando todas as coisas são em tudo iguais, elas obtêm cargos menos elevados com os mesmos diplomas e, sobretudo, são mais atingidas, proporcionalmente, pelo desemprego, pela precariedade de empregos, e relegadas com mais facilidade a cargos de trabalho em horário parcial (...). (BOURDIEU, 2002, p.152).

O último estudo recente feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mostra que as mulheres ganham menos do que os homens em todas as ocupações selecionadas na pesquisa, “mesmo com uma queda na desigualdade salarial entre 2012 e 2018, as trabalhadoras ganham, em média, 20,5% menos que os homens no país.” Conforme a pesquisa, Adriana Beringuy¹² (2019) afirma que “as maiores proximidades de rendimento, ainda que não haja

¹² Analista da Coordenação de Trabalho do IBGE. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-03/pesquisa-do-ibge-mostra-que-mulher-ganha-menos-em-todas-ocupacoes#:~:text=Um%20estudo%20feito%20pelo%20Instituto,as%20educa%C3%A7%C3%B5es%20selecionadas%20na%20pesquisa.&text=As%20mulheres%20agricultoras%20e%20as,34%25%20menos%20que%20os%20homens.>

igualdade, ocorreram no caso dos professores do ensino fundamental, em que as mulheres recebiam apenas 9,5% menos que os homens”. Conforme relata a estudante Treze, “ainda há predominância da parte masculina e também da diferenciação de salários para ambos os gêneros ocupantes de mesmo cargo.”

A estudante Dois, considera que as mulheres, por vezes, ainda não são levadas a sério, e ressalta: “ainda há preferências de homens ocupando os postos de trabalho.”

Em 2018, por exemplo, a mulher ocupada de 25 a 29 anos de idade recebia 86,9% do rendimento médio do homem; quando a faixa etária subiu para o intervalo de 30 a 39 anos este rendimento caiu para 81,6%; reduzindo na faixa entre 40 e os 49 anos: 79,4% [...] O movimento de queda da proporção de rendimento recebido pelas mulheres mais velhas, em 2018, estava diretamente ligada à redução da jornada média de trabalho: no grupo de 25 a 29 anos de idade ela trabalha cerca de 3,6 horas a menos que o homem da mesma idade; já no grupo de 40 a 49 anos a diferença chega a 5,4 horas. (IBGE, 2019).

A estudante Quatro acredita que uma boa alternativa para uma maior introdução da mulher no mercado de trabalho, se deve ao incentivo por ciência e arte nas meninas desde a sua infância, para que desde de cedo, ocorra o interesse por essas áreas. Dessa forma, o quão importante é o papel da educação na formação de cidadãos? Visto que a educação (escolar) é a mesma para todos os estudantes, porque vivenciamos tamanha desigualdade? Qual a importância da educação básica de qualidade para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual? Nós enquanto educadores, de que forma estamos contribuindo para essa perspectiva de interesses nos educandos? São pontos que nos instigam a refletir.

Em uma de suas escritas, Bourdieu (2002) ressalta experiências escolares de meninas adolescentes as quais, em sua grande maioria observam:

(...) como os professores das disciplinas científicas solicitam e estimulam menos as moças que os rapazes, e como os pais, tais como os professores ou os orientadores, as desviam, “para seu bem”, de determinadas carreiras consideradas masculinas (“Quando seu pai lhe diz: ‘você nunca vai se dar bem nesta profissão’, isto é estupidamente vexaminoso”), ainda mais porque eles encorajam seus irmãos a segui-las. (BOURDIEU, 2002, p.155).

Partindo dessa perspectiva, a estudante Quatorze cita como alternativa, uma participação mais ativa da mulher no campo científico: “ter oficinas de

tecnologia voltadas para meninas no ensino fundamental e fazer com que mulheres que trabalham, sejam inspiração.”

A estudante Oito acredita que deveria existir uma lei ou algo semelhante a uma porcentagem mínima de mulheres dentro de uma empresa. Hoje existe um Projeto de Lei em tramitação no Senado nº 216, de 2016, que visa a seguinte alteração no Decreto Lei Nº 5.452, de 1º de Maio de 1965: “que as empresas com mais de dez empregados deverão observar a proporção mínima de 30% (trinta por cento) de mulheres em suas atividades-fim, na forma que especifica”.

Em geral, as estudantes compartilham de fatos e ideias semelhantes com relação ao mercado de trabalho, como destaca a estudante Sete, “o mercado de trabalho está evoluindo mas é inegável que os homens são mais bem quistos”. Acreditam que a luta pela igualdade de gênero no ambiente de trabalho ainda não acabou.

Questão 05. Você identifica alguma relação de dominação masculina no contexto educacional? Como você observa essa situação?

A educação se inicia com os valores familiares e, de acordo com Bourdieu (2002), enfatiza os valores patriarcais, além de não abandonar os modelos arcaicos, o que conseqüentemente enaltece a figura masculina como elemento ativo e a mulher como passivo. No entanto, nota-se que a dicotomia entre os gêneros já é presente desde cedo no desenvolvimento da pessoa. Por isso reconhece-se certa dominação masculina na sociedade em que vivemos, como se refere a estudante Cinco.

A estudante Três afirma que muitos professores encontrados nos cursos de engenharias são homens, já que se formaram em outra época.

Como afirmam as estudantes: Dois, Cinco, Seis, Dez e Quinze, geralmente há uma predominância masculina nos cursos de Engenharia. Isso se observa porque as mulheres em certas áreas da Ciência são julgadas “fora do lugar”, pelo fato de abrangerem áreas consideradas complexas para elas, como por exemplo, a Física e a Engenharia, que requerem muito conhecimento em matemática e estas habilidades são vistas como provimento do gênero masculino. Fatores como a razão, a objetividade e o raciocínio lógico são identificados como qualidades dos homens, enquanto que a mulher é provida de sentimento e doação. E esta doação é relativizada de forma que a mulher deve se dedicar à família, e por

isso, reconhece-se que não se pode exigir que elas se dediquem às profissões ou à vida acadêmica, principalmente integralmente e, sendo assim, há a preferência pelos homens, para ocupar vagas e cargos de chefia, por exemplo. Esses argumentos justificam as afirmações, primeiramente da estudante Quatro, que afirma que a “parte mais lógica” é lecionada por professores homens, e a afirmação da estudante cinco, a qual menciona o fato de mulheres se sentirem incapazes de cursarem os cursos das engenharias por não poderem se dedicar de forma integral como o curso exige, por pressões familiares que exigem dedicação extenuante ao lar.

Portanto, a questão biológica, que considera o corpo feminino como frágil, reprodutivo, também as julga com uma inteligência inferior, devido o crânio das mulheres ser menor que o dos homens (concepção presente no século XVIII), isso reforçou a ideia de que apenas os homens eram providos de conhecimento científico.

Lembremos, por exemplo, que até o início do século XX uma das justificativas para a não extensão às mulheres do direito ao voto baseava-se na ideia de que elas possuíam um cérebro menor e menos desenvolvido que o dos homens. Este imperativo de encontrar no corpo as razões de tais diferenças, ou seja, de essencializá-las ou neutralizá-las, explica-se pela preponderância formal dos princípios políticos do Iluminismo, muito especialmente do princípio da igualdade. Depois da Revolução Francesa, nas democracias liberais modernas, apenas desigualdades naturais, inscritas nos corpos, podiam justificar o não acesso pleno à cidadania. (CARRARA, 2009, p.13).

E esse preconceito, que acarreta tamanha desigualdade, baseado nas relações sociais e de poder, vem sendo produzido na história e cultura. E com isso, as mulheres devem se adaptar ao modo de pensar e fazer da Ciência, assim como, criar estratégias para lidar tanto profissionalmente, quanto academicamente, como por exemplo, serem mais rígidas e duras ao lecionar, para serem respeitadas e só assim se destacarem, como afirma a estudante Quatro.

Questão 06. Como você acha que se dá a inserção da mulher na ciência e na tecnologia? Justifique.

Desde o século passado, há uma predominância masculina na área da Ciência, posto que no referido século, a carreira era considerada imprópria ao gênero feminino, delimitando-se inclusive, as profissões para ambos os sexos. Com

isso, as relações sociais também passaram a ser delimitadas culturalmente, superiorizando peculiaridades masculinas e inferiorizando as femininas. Além disso, as atividades das mulheres eram secundárias e coordenadas pelos homens, voltadas a tarefas de apoio, cuidado e educação, basicamente. Estas, consideradas como obrigação da identidade feminina. O suporte se dava entre esposas e filhas de homens envolvidos com a ciência, cuidando das coleções, limpando as vidrarias e traduzindo experimentos e textos. Essa questão da cultura é identificada pela estudante Doze, que acredita que há uma falta de incentivo às mulheres ingressarem nas Engenharias. E que esse desencorajamento ocorre desde a infância, resultante da cultura, que é marcada por uma inferioridade e impotência sobre as mulheres, gerando um medo de ingressarem, por se basearem nessa idealização. Além disso, a estudante Três explicita o fator da dificuldade em se dizer que há uma inserção igualitária dos gêneros, pelo fato da inserção das mulheres nesse campo da (Ciência) ocorrer apenas para trabalhos delicados, os quais não exigem muito esforço físico e intelectual. Ou seja, até mesmo algumas participantes, conseguem notar explicitamente a desigualdade na cultura, cultivada desde o século anterior e desenvolvida historicamente.

Sendo assim, devido a essa desigualdade de gêneros, a estudante sete afirma que a inserção da mulher na área da Ciência e Tecnologia se dá com muita dificuldade, pois o preconceito em se ter mulheres na tecnologia é muito grande e com isso, como afirma a estudante Dois, é necessário muita determinação por parte das mulheres (para ingressarem na Ciência), já que muitas pessoas tentarão desencorajá-las. Por isso, também é relevante reconhecer a importância do Estado e da família nessa questão: do Estado, já que em toda a história, representou um patriarcado público que enalteceu o homem como uma figura protetora e capaz de gerir, enquanto que para a mulher, restava a ideia de que devia se voltar aos serviços domésticos e a uma posição mais social; e quanto à família, por contribuir com a exaltação da divisão sexual do trabalho. Logo, deve-se haver a conscientização de uma igualdade de gêneros principalmente por parte da família, assim como do Estado, incluindo uma maior equidade inserida nas políticas públicas. Como sugere a estudante Quatorze, a qual acredita que se deve haver um incentivo à curiosidade científica das crianças e haver pais que desejam que suas filhas optem pela carreira (científica/ tecnológica), também acredita que se deve

haver um investimento na educação e em mudanças em como está sendo feita a educação, principalmente a pública.

A estudante Cinco, menciona que percebe nas mulheres com carreiras de sucesso na área: dedicação, afinidade pela área escolhida e bom desempenho. Observa-se que isso ocorre pelo fato de as mulheres precisarem produzir mais, para atender aos requisitos da Ciência, por esta, ser considerada masculinizada, ou seja, a concorrência é desigual, por ser menos vantajosa ao gênero feminino. E outro ponto mencionado pela estudante Cinco, foi que ela acredita também que é necessário que se tenha um psicológico forte (a mulher), a fim de lidar com comentários machistas recebidos, tanto por parte dos colegas de profissão, quanto da família (segundo as mulheres de carreiras da Ciência, que ela conhece). Realmente, nota-se que a inserção da mulher na Ciência exige a adaptação da mulher na forma de fazer ciência, pelo fato de abranger valores masculinizados e requerer tempo integral na carreira e vida acadêmica. Elas também precisam lidar com metáforas sexuais e sexistas.

No entanto, ao longo dos anos vem ocorrendo uma modificação da posição das mulheres na divisão do trabalho, por exemplo, em razão do aumento das jovens no ensino secundário e superior, juntamente com o desenvolvimento das administrações públicas, que resultou numa maior representação das mulheres nas profissões intelectuais e, dessa forma, a inserção da mulher na Ciência tem se elevado, elevando também significativamente o número de universitárias, pesquisadoras e docentes. Contudo pode-se dizer que a mulher tem se “empoderado”, como afirma a estudante Seis.

Questão 07. Você já pensou em desistir do curso/emprego na área? Comente o porquê.

A mulher, além de ter de lidar com a competitividade na carreira científica, a qual exige muita produtividade em relação às pesquisas e demanda de tempo integral de trabalho, também sofre com discriminação e sexismo (e muitas vezes ainda são julgadas culpadas por isso) e diante de todo esse preconceito, elas acabam sofrendo uma desvantagem em relação à ocupação de cargos de liderança e são desvalorizadas. Com isso, essa desigualdade na conquista de empregos se mantém presente e os requisitos para ingressar na vida acadêmica são mais exigidos. Esse fator é chamado de “Teto de Vidro”, uma segregação vertical, que

significa barreiras criadas por estereótipos que favorecem a ascensão profissional dos homens e evidencia a subordinação da mulher, reduzindo sua superioridade. Essa competitividade é desfavorável às mulheres, como a estudante Nove exemplifica, ao relatar que mulheres pensam em desistir do curso ou emprego na área, porque diversas vezes são recrutados homens menos qualificados para um cargo, ao invés de mulheres que preenchem os requisitos de vagas de emprego. Outro exemplo relatado pela estudante Sete, que também aborda essa questão, alega que esta, sendo engenheira num “chão de fábrica”, tem de lidar com trabalhadores de todos os tipos e na maioria das vezes, estes não a reconhecem como sua superiora e nem eles, como seus subordinados. Isso ocorre em razão dessa inferioridade que o gênero feminino tem enfrentado, havendo sempre a preferência por homens para os cargos, principalmente para cargos de liderança. Além disso, essa inferioridade também faz com que o preconceito se mantenha sobre as mulheres e com isso, como a estudante Doze exemplifica, algumas professoras sofrem com piadas e falta de respeito por parte das pessoas ao redor e para esta aluna, isso a entristece, resultando em vontade de desistir da área científica/ tecnológica. E por fim, a estudante Quatro também relata outro tipo de preconceito, que se refere a idade, explicitando que mulheres a partir dos 30 anos são consideradas “velhas” para entrar no mercado de trabalho, como se passassem do prazo de validade. Tal preconceito ocorre porque

(...) as mulheres permanecem como as principais responsáveis pelas atividades domésticas e cuidados com os filhos e demais familiares, o que representa uma sobrecarga para aquelas que também realizam atividades econômicas (BRUSCHINI, 2007, p. 542).

Questão 08. Comente algo que você considera pertinente ao tema "Inserção das Mulheres na Educação Científica e Tecnológica" que não foi abordado no questionário.

É importante analisar historicamente a questão da dominação masculina, para entender o que contribuiu para a desigualdade sofrida pelas mulheres, além de se ressaltar todas as relevâncias obtidas por elas, para assim serem evidenciadas, principalmente diante das Instituições, como o Estado, a Igreja, a Família e a Escola, pois estas possuem tamanha influência sobre as pessoas e sobre a sociedade no

geral. No entanto, essa inclusão deve ser iniciada na família, quebrando os paradigmas, a fim de igualar os gêneros, até mesmo nas tarefas domésticas e adiante; a Escola deve influenciar com os princípios e valores igualitários e não patriarcais; assim como o Estado, deve contribuir com alterações nas políticas públicas e Instituições de Ensino, incentivando a equidade de gêneros no ramo científico. Por isso, é muito importante o incentivo do Estado e da Escola, para conscientizar a sociedade, no intuito de se reduzir essas barreiras, tanto academicamente quanto profissionalmente. Essas barreiras são as responsáveis por muitas mulheres no geral, não se interessarem pela área científica/ tecnológica – como menciona a estudante Quatro, em relação aos motivos das mulheres, não apenas universitárias, a não optarem pela área.

Uma maneira de enfrentar essas barreiras é a inclusão do gênero feminino em todas as esferas citadas, como mencionado anteriormente, transformando as políticas públicas; e, como a estudante Cinco sugere, é interessante fazer referência ao IFSC além de desenvolverem programas de conscientização nas escolas através de estudantes engenheiras, iniciados pelo IFSC (sugestão da estudante Dois, a fim de apresentarem os cursos de Engenharia, além de incentivarem e encorajarem as futuras estudantes que se interessam pela área). Com esse incentivo, muitas alunas poderão, caso haja interesse, se tornar futuras professoras também, pois de acordo com a estudante Sete, faz falta a sensibilidade feminina na profissão, e ainda de acordo com a aluna, as professoras presentes, não recebem o reconhecimento merecido, diferentemente dos professores homens com qualidade inferior, já que o preconceito permanece. Quanto maior a inclusão das mulheres na área, menor será a dicotomia.

Devido a essa dicotomia, muitas mulheres possuem receio de ingressar na área científica por ser “tomada” por homens, e com isso, também há a questão do sexismo e inferiorização da mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em consideração os aspectos observados na pesquisa, com a introdução teórica, juntamente com os dados levantados no questionário realizado com as estudantes de Engenharia do IFSC - Campus Florianópolis, foi possível analisar aspectos históricos e sociais que contribuem com a construção da figura feminina na sociedade, o que influenciou, e ainda influencia a sua atuação diante de

todas as relações, como com a família, profissão e instrução, incluindo o campo da Ciência e Tecnologia, que apresenta tamanha dicotomia entre os gêneros, evidenciando-se a violência simbólica sofrida pelas mulheres.

Na visão de Bourdieu, sociólogo explorado no estudo, que versa sobre a questão da “violência simbólica” e “dominação masculina”, os valores patriarcais se mantiveram diante de todo o processo histórico, sustentando a ideia de valorização do homem como um elemento ativo e a mulher, como um ser subordinado e elemento passivo. Com isso, a dominação masculina foi impactante e seus efeitos na área da Ciência e Tecnologia, são fortemente preservados até os dias de hoje. Essa valorização masculina impregnada à cultura, contribuiu para a formação das identidades feminina e masculina com traços androcêntricos, e estes, motivam a formação e as escolhas profissionais das mulheres.

O que podemos observar diante do resultado da pesquisa é que as definições citadas por Bourdieu (2002), no que diz respeito à estrutura do pensamento androcêntrico, embora a sociedade esteja em constante processo de evolução, dadas as mudanças que ocorreram e ainda ocorrem tanto na família como no campo profissional, a realidade relatada pelas estudantes ainda vai ao encontro do pensamento criado culturalmente nos antepassados, cuja visão androcêntrica ainda permeia.

Sendo os homens vítimas da própria cultura a qual lhes foi destinada, conforme diz Bourdieu (2002), uma alternativa para uma pesquisa, seria observar a visão dos homens diante da visão androcêntrica representada pelo autor. Nesse sentido, quais seriam então as percepções masculinas dessa realidade?

Visto que as mulheres, através de movimentos e longas lutas enfrentadas pelas mais diversas classes, adquiriram muitas conquistas e direitos iguais, porém, a visão androcêntrica do mundo ainda se faz presente.

Portanto, a relevância em se analisar todo esse contexto histórico relacionado às trajetórias e narrativas das estudantes que participaram da pesquisa, resulta em assimilar as barreiras enfrentadas pelas mulheres, além de compreender seus motivos, os quais, conforme visto anteriormente, são repletos de preconceito. Como por exemplo, nota-se a polêmica atual voltada ao artigo “The association between early career informal mentorship in academic collaborations and junior author performance”, publicado na revista Nature Communication, que afirma que alunas orientadas por homens terão mais sucesso acadêmico do que alunas

orientadas por mulheres. Observem a visão de que a mentoria feminina impacta no desempenho das carreiras de seus orientandos (ALSHEBLI, MAKOVI, RAHWAN, 2020).

A publicação do artigo da revista Nature despertou muitas críticas de autores do meio científico, como aborda a fala de Dias (2020):

Segundo o artigo, um aumento na proporção de mentoras mulheres não apenas reduz o impacto posterior de protegidas mulheres, como supervisionar mulheres também reduz o ganho das mentoras. Segundo eles, contrariamente à tendência das atuais práticas de estímulo à diversidade, o impacto de mulheres que seguem carreira científica poderia ser aumentado se elas recebessem orientação de homens. (DIAS, 2020, p. 1).

Além da fala acima, outra autora: a Cruz (2020), também faz a seguinte crítica,

A conclusão do autor de que ter mulheres como orientadoras ou mentoras é prejudicial às carreiras de jovens cientistas não só despreza as contribuições de cientistas mulheres mas vai contra os esforços de inúmeras instituições acadêmicas, agências de fomento e academias nacionais e mundiais de ciências em garantir a diversidade e igualdade de gênero em ciência. (CRUZ, 2020, p.1).

Esses exemplos, demonstram como a figura masculina ainda é considerada como referência para a sociedade no geral e a desigualdade de gêneros permanece. Porém, é necessário romper com essa visão e cada vez mais ampliar a percepção dessa desigualdade a fim de minimizá-la, principalmente na área Científica e Tecnológica; assim como, incentivar insistentemente a participação da mulher nas atividades científicas e tecnológicas; além de incentivar também a inclusão, através de um avanço nas transformações das políticas públicas, de mulheres em posição de reconhecimento e cargos de direção; e por fim, um oferecimento mais amplo de bolsas para o gênero feminino, eliminando a discrepância de requisitos que geram desvantagem à mulher.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE CIÊNCIAS. **Institucional**. Disponível em: <http://www.abc.org.br/2020/11/23/pelo-reconhecimento-do-valor-das-mulheres-na-ciencia/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

ALSHEBLI, Bedoor; MAKOVI, Kinga; RAHWAN, Talal. The association between early career informal mentorship in academic collaborations and junior author performance. **Revista Nature Communications**, Bedoor et al. Nature

Communications v. 11, 5855, p. 1-8, nov. 2020. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s41467-020-19723-8>. Acesso em: 02 dez. 2020.

ANDRÉ, Marli E.D.A .. LUDKE, Menga. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: E.P.U,1986.Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4091392/mod_resource/content/1/Lud_And_cap3.pdf. Acesso em: 07 nov. 2020.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 17ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

BRASIL. **Projeto de Lei do Senado nº 216, de 2016**. Senado Federal. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/125805>. Acesso em: 09/12/2020.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. 2007. 36 f. Curso de Gênero e Trabalho, Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0100-15742007000300003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 27 out. 2020.

CARRARA, Sérgio. **Gênero e Diversidade na Escola: formação de professoras/es em gênero, sexualidade, orientação sexual e relações étnico-raciais**. Rio de Janeiro: Maria Mostafa, , p. 13-236, 2019. (Educação, diferença, diversidade e desigualdade). Disponível em: [genero_diversidade_escola_2009_\(4\).pdf](#). Acesso em: 25 jul. 2020.

CASEIRA, Fabiani Figueiredo. **O mundo precisa de ciência, a ciência precisa de mulheres: investigando a premiação para mulheres na ciência**. 2016. 128 f. Curso de Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2016. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/8804>. Acesso em: 03 set. 2020.

CHALMERS, Alan F.. **O que é Ciência Afinal?** Tradução: Raul Filker Editora Brasiliense 1993. Disponível em: https://www.nelsonreyes.com.br/A.F.Chalmers_-_O_que_e_ciencia_afinal.pdf. Acesso em: 28 set. 2020.

CHASSOT, Attico. **A ciência é masculina? É, sim senhora!...** .Revista Contexto e Educação, Rio Grande do Sul, v. 19, nº 71/ 72, p. 9-28, jan./dez. 2004. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1130>. Acesso em: 09 ago. 2020.

CONCEIÇÃO, Josefa Martins da; TEIXEIRA, Maria do Rocio Fontoura. **Mulheres na ciência: um estudo da presença feminina no contexto internacional**. Revista de Educação Ciência e Tecnologia, Canoas, v. 7, n. 1, p. 1-18, jul. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/view/2710>. Acesso em: 14 out. 2020.

DIAS, Valéria. **As falhas metodológicas de artigo que associa gênero a impacto científico**: Paulo Nussenzeig comenta as falhas metodológicas de um artigo que

sugere que o impacto de mulheres cientistas poderia ser aumentado se elas recebessem orientação de homens. 2020. Disponível em:

<https://jornal.usp.br/radio-usp/as-falhas-metodologicas-de-artigo-que-associa-genero-a-impacto-cientifico/>. Acesso em: 02 dez. 2020.

GERHARDT, T.E.SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [org] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em:

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2020.

LAZDAN, Alessandra M. et al. **A dominação masculina de Pierre Bourdieu: críticas e reflexões a partir da psicologia analítica**. 2014. Revista Ibero-Americana De Estudos Em Educação, 9(2), p. 470–487. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/7050>. Acesso em: 20 de ago. 2020.

LETA, Jacqueline. **As mulheres na ciência brasileira: crescimento, contrastes e um perfil de sucesso**. 2003. 14 f. Curso de Programa de Educação, Gestão e Difusão, Bioquímica Médica do Instituto de Ciências Biomédicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300016. Acesso em: 08 set. 2020

LISBOA, Silva. **70 Mulheres que mudaram o mundo**. Revista Superinteressante, São Paulo, p. 1-68, out. 2019. Disponível em:

<https://super.abril.com.br/especiais/70-mulheres-que-mudaram-o-mundo-ciencia/>. Acesso em: 23 out. 2020.

MELO, Hildete Pereira de; LASTRES, Helena Maria Martins; MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Gênero no sistema de ciência, tecnologia e inovação no Brasil**. Revista Gênero, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2 (2004), p. 1-22, 2004. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31033>. Acesso em: 18 set. 2020.

MINAYO, M. C. S. SANCHES,. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2020.

OLINTO, Gilda. A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Revista ibicit**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 68-77, jul. 2011. Disponível em:

<http://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em: 31 out. 2020.

OLIVEIRA, de Nielmar. **Mulher ganha em média 79,5% do salário do homem, diz IBGE**. Agência Brasil, Rio de Janeiro, 08 mar. 2019. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-03/mulheres-brasileiras-aind-a-ganham-menos-que-os-homens-diz-ibge>. Acesso em: 13 dez. 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **A participação das mulheres na ciência: problematizações sobre as diferenças de gênero**. 2012. 25 f. - Curso de Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2012. Disponível em: <https://sexualidadeescola.furg.br/biblioteca/artigos/category/1-artigos?>. Acesso em: 04 ago. 2020.

SILVA, Fabiane Ferreira da; RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Trajetórias de mulheres na ciência: “ser cientista” e “ser mulher”**. 2014. 18 f. Curso de Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande, Bauru, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-73132014000200449&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 17 out. 2020.